

alphonse
de lamartine



GRAZIELLA

[TRADUÇÃO e POSFÁCIO]
sandra m. stroparo

CARAMBAIA

[SUMÁRIO]

GRAZIELLA



capítulo I

. 07 .

episódio

. 19 .

capítulo II

. 51 .

capítulo III

. 67 .

capítulo IV

. 85 .

a primeira saudade

. 129 .



POSFÁCIO

. 137 .

por sandra m. stroparo



GRAZIELLA

I

I

Quando eu tinha 18 anos, minha família me entregou aos cuidados de uma de minhas parentes cujos negócios a chamavam à Toscana, para onde iria acompanhada de seu marido. Era a ocasião de me fazer viajar e de me arrancar do ócio perigoso da casa paterna e das cidades de província, onde as primeiras paixões da alma se corrompem por falta de atividade. Parti com o entusiasmo de uma criança que vai ver subir a cortina das mais esplêndidas cenas da natureza e da vida.

Os Alpes, que eu via de longe desde minha infância brilhando com suas neves eternas, no extremo horizonte, do alto da colina de Milly; o mar, de imagens espetaculares que viajantes e poetas tinham colocado em meu espírito; o céu italiano, cujo calor e serenidade eu já havia, por assim dizer, respirado nas páginas de *Corinne* e nos versos de Goethe:

Você conhece esta terra em que florescem os mirtos?

os monumentos dessa Antiguidade romana ainda em pé, com que meus estudos ainda frescos tinham me enchido a cabeça; a liberdade, enfim; a distância que dá prestígio às coisas que

estão longe; as aventuras, os acidentes certos das longas viagens, que a imaginação jovem prevê, compõe a seu bel-prazer e saboreia previamente; a mudança de língua, de rostos, de costumes, que parece iniciar a inteligência em um mundo novo, tudo isso fascinava meu espírito. Vivi os longos dias de espera que precederam a partida em um estado constante de embriaguez. Renovado a cada dia pelas maravilhas da natureza da Savoia, na Suíça, sobre o lago de Genebra, sobre as geleiras de Simplon, no lago de Como, em Milão e em Florença, esse delírio só terminou quando voltei.

Os negócios que tinham conduzido minha companhia de viagem a Livorno se prolongaram indefinidamente, e cogitou-se minha volta à França sem ter visto Roma e Nápoles. Era como arrancar-me de meu sonho no momento em que iria alcançá-lo. Eu me revoltava interiormente contra tal ideia. Escrevi a meu pai pedindo-lhe autorização para continuar minha viagem à Itália sozinho, e, sem esperar resposta, que não supunha muito favorável, resolvi prevenir a desobediência pelo fato. “Se a proibição chegar”, eu me dizia, “chegará muito tarde. Serei repreendido, mas serei perdoado; voltarei mas terei visto”. Revisei minhas muitas estritas finanças; mas calculava que tinha um parente de minha mãe estabelecido em Nápoles e que ele não me recusaria algum dinheiro para a volta. Parti de Livorno em uma bela noite, pelo correio de Roma.

Passei lá sozinho o inverno, em um quartinho de uma rua obscura que desemboca na Piazza di Spagna, na casa de um pintor romano que me colocou, como em pensão, junto a sua família. Minha aparência, minha juventude, meu entusiasmo, meu isolamento em meio ao país desconhecido tinham interessado um de meus companheiros de viagem na rota entre Florença e Roma. Ele se ligou a mim com uma súbita amizade. Era um belo jovem mais ou menos da minha idade. Parecia ser

filho ou sobrinho do famoso cantor David, naquele momento o primeiro tenor dos teatros italianos. David viajava também conosco. Era um homem de idade já avançada. Ia cantar pela última vez no Teatro San Carlo, em Nápoles.

David me tratava como filho, e seu jovem companheiro me cobria de delicadezas e bondades. Eu respondia a seus avanços com o abandono e a ingenuidade da minha idade. Não tínhamos ainda chegado a Roma e o belo viajante e eu já éramos inseparáveis. O correio, nessa época, não demorava mais de três dias para ir de Florença a Roma. Nos albergues, meu novo amigo era meu intérprete; à mesa, me servia primeiro; no carro, arranjava para mim o melhor lugar a seu lado e, se eu adormecesse, estava certo de que minha cabeça teria seu ombro como travesseiro.

Quando eu descia de carro pelas longas subidas das colinas da Toscana ou da Sabina, ele descia comigo, me explicava o país, dava o nome das cidades, indicava monumentos. Até colhia belas flores e comprava ótimos figos e uvas na estrada; enchia minhas mãos e meu chapéu com essas frutas. David parecia ver com prazer a afeição de seu companheiro de viagem pelo jovem estrangeiro. Sorria algumas vezes me olhando com um ar de inteligência, delicadeza e bondade.

Chegando a Roma à noite, desci naturalmente no mesmo albergue que eles. Levaram-me para meu quarto; só acordei com a voz de meu jovem amigo que batia na porta e me convidava para o almoço. Vesti-me às pressas e desci para a sala onde os viajantes estavam reunidos. Ia apertar a mão de meu companheiro de viagem e o procurava em vão com os olhos entre os convivas, quando um riso geral explodiu em todos os rostos. No lugar do filho ou do sobrinho de David, percebi ao lado dele a encantadora silhueta de uma jovem romana elegantemente vestida e com cabelos negros, trançados em bandós em torno do rosto, unidos atrás por dois lon-

gos alfinetes de ouro com cabeça de pérola, como ainda usam as camponesas em Tívoli. Era meu amigo que tinha retornado, chegando a Roma, suas roupas e seu sexo.

Eu deveria ter duvidado da ternura em seu olhar e da graça em seu sorriso. Mas não tinha nenhuma suspeita. “O hábito não muda o coração”, a bela romana me disse, corando; “o senhor somente não dormirá mais em meu ombro, e, no lugar de receber flores de mim, é o senhor quem as oferecerá. Essa aventura lhe ensinará a não confiar nas aparências da amizade que tiverem pelo senhor mais tarde; isso poderia bem ser outra coisa”.

A jovem era uma cantora, aluna e favorita de David. O velho cantor a conduzia para todos os lugares com ele, vestida de homem para evitar os comentários na estrada. Ele a tratava como pai mais que como um protetor, e não era nada ciumento das doces e inocentes familiaridades que ele próprio tinha deixado se estabelecer entre nós.

II

David e sua aluna passaram algumas semanas em Roma. No dia seguinte a nossa chegada, ela retomou suas roupas de homem e me conduziu primeiro a São Pedro, depois ao Coliseu, a Frascati, a Tívoli, a Albano; eu evitava assim as cansativas repetições dos guias pagos que dissecam para os viajantes o cadáver de Roma e que, derramando sua monótona litania de nomes próprios e datas sobre nossas emoções, assombam o pensamento e desviam as sensações das coisas belas. *La Camilla* não era instruída, mas, nascida em Roma, conhecia por instinto os belos lugares e grandes panoramas que a haviam tocado desde a infância.

Ela me levava sem pensar aos melhores lugares e nas melhores horas para contemplar os restos da cidade antiga:

pela manhã, sob os pinheiros de imensas copadas do monte Pincio; à noite, sob as grandes sombras da colunata de São Pedro; ao luar, no círculo mudo do Coliseu; em belos dias de outono, a Albano, Frascati e ao templo da Sibila, barulhento e molhado do vapor das cascatas de Tívoli. Ela era alegre e brincalhona como uma estátua da eterna Juventude no meio desses vestígios do tempo e da morte. Dançava sobre a tumba de Cecília Metella e, enquanto eu sonhava sentado em uma pedra, fazia ressoar nas abóbadas sinistras do palácio de Diocleciano o brilho de sua voz de teatro.

À noite voltávamos para a cidade, com nosso carro cheio de flores e pedaços de estátuas, para encontrar o velho David, cujos negócios o retinham em Roma, e que nos levava para terminar o dia em seu camarote no teatro. A cantora, alguns anos mais velha que eu, não demonstrava nenhum sentimento além dos de amizade um pouco terna. Eu era muito tímido para demonstrar outros de minha parte, nem mesmo os sentia, apesar de minha juventude e de sua beleza. Suas roupas de homem, sua familiaridade viril, o som masculino de sua voz de contralto e a liberdade de suas maneiras me impressionavam de tal modo que só via nela um belo rapaz, um camarada e um amigo.

III

Quando Camilla partiu, fiquei absolutamente sozinho em Roma, sem nenhuma carta de recomendação, sem nenhum outro conhecimento além dos lugares, os monumentos e as ruínas onde Camilla tinha me levado. O velho pintor em cuja casa eu estava alojado só saía de seu ateliê domingo para ir à missa com a mulher e a filha, uma jovem de 16 anos tão laboriosa quanto ele. Sua casa era uma espécie de convento onde o trabalho do artista só era interrompido por uma refeição frugal e pela oração.

À noite, quando as últimas luzes do sol se apagavam nas janelas do quarto alto do pobre pintor, e os sinos dos mosteiros vizinhos soavam a ave-maria, esse harmonioso adeus do dia na Itália, o único repouso da família era rezar o terço juntos e salmodiar a meia-voz as litanias até que as vozes, abatidas pelo sono, se apagassem em um vago e monótono murmúrio parecido com o de uma onda que se acalma em uma praia aonde o vento chega com a noite.

Eu amava essa cena calma e pia da noite, que terminava uma jornada de trabalho com um hino de três almas se erguendo ao céu para descansar do dia. Isso me fazia lembrar da casa paterna onde nossa mãe nos reunia assim, à noite, para rezar, fosse no seu quarto, fosse nas alamedas de areia do jardimzinho de Milly, nas últimas horas do crepúsculo. Reencontrando os mesmos hábitos, os mesmos atos, a mesma religião, eu me sentia quase sob o teto paterno nessa família desconhecida. Jamais tinha visto vida mais recolhida, mais solitária, mais laboriosa e mais santificada que essa da casa do pintor romano.

O pintor tinha um irmão. Esse irmão não morava com ele. Ensinava italiano para estrangeiros distintos que passavam o inverno em Roma. Era mais que um professor de línguas, era um letrado romano de grande mérito. Ainda jovem, com aparência soberba, com um caráter antigo, tinha figurado com destaque nas tentativas de revolução que os republicanos romanos tinham feito para ressuscitar a liberdade em seu país. Era um dos tribunos do povo, um dos Rieni da época. Nessa curta ressurreição da Roma antiga suscitada pelos franceses, insuflada por Mack e pelos napolitanos, ele tinha representado um dos papéis principais, arengado ao povo no Capitólio, hasteado a bandeira da independência e ocupado um dos primeiros postos da República. Perseguido, pressionado, aprisionado no momento da reação, devia sua salvação apenas à chegada dos franceses, que tinham salvado os republicanos, mas que tinham confiscado a República.

Esse romano adorava a França revolucionária e filosófica, execrava o imperador e o Império. Bonaparte era, para ele, como para todos os italianos liberais, o César da liberdade. Jovem ainda, eu tinha os mesmos sentimentos. Essa conformidade de ideias não tardou a se revelar entre nós. Percebendo o entusiasmo ao mesmo tempo juvenil e antigo com que eu vibrava às menções à liberdade quando líamos juntos os versos incendiários do poeta Monti ou as cenas republicanas de Alfieri, ele viu que podia se abrir comigo, e tornei-me menos seu aluno que seu amigo.

IV

A prova de que a liberdade é o ideal divino do homem é que ela é o primeiro sonho da juventude, e só desaparece em nossa alma quando o coração enfraquece e o espírito envilece e se desencoraja. Não há uma alma de 20 anos que não seja republicana. Não há um coração gasto que não seja servil.

Quantas vezes meu mestre e eu fomos sentar na colina da Villa Pamphili, de onde se vê Roma, seus domos, suas ruínas, seu Tibre que corre lento e sujo, silencioso, envergonhado, sob os arcos cortados da ponte Rotto, de onde se ouve o murmúrio queixoso de suas fontes e os passos quase mudos de seu povo andando em silêncio pelas ruas desertas! Quantas vezes não vertemos lágrimas amargas pelo destino deste mundo abandonado a todas as tiranias, onde a filosofia e a liberdade pareciam ter querido renascer um momento na França e na Itália apenas para serem contaminadas, traídas e oprimidas em toda parte! Quantas imprecações em voz baixa não saíam do nosso peito contra esse tirano do espírito humano, contra esse soldado coroad¹ que tinha apenas se fortalecido na Revolução para buscar nela a

1. Referência a Napoleão Bonaparte. [N.T.]

força de destruí-la e para submeter de novo os povos a todos os preconceitos e todas as servidões! É dessa época que datam para mim o amor pela emancipação do espírito humano e esse ódio intelectual contra tal herói do século, ódio ao mesmo tempo sentido e racionalizado, que a reflexão e o tempo só fazem justificar, apesar dos lisonjeadores de sua memória.

V

Foi sob o império dessas impressões que estudei Roma, sua história e seus monumentos. Saía de manhã, sozinho, antes que o movimento da cidade pudesse distrair o pensamento do contemplador. Levava embaixo do braço os historiadores, os poetas, os que descrevem Roma. Ia me sentar ou errar pelas ruínas desertas do Fórum, do Coliseu, da *campagna* romana. Olhava, lia, pensava alternadamente. Fazia de Roma um estudo sério, mas um estudo em ação. Foi meu melhor curso de História. A Antiguidade, ao contrário de ser um tédio, tornou-se para mim um sentimento. Não seguia nesse estudo nenhum outro plano além das minhas inclinações. Ia ao acaso, aonde meus passos me levavam. Passava da Roma antiga à Roma moderna, do Panteão ao palácio de Leão X, da casa de Horácio a Tibur e à casa de Raphael. Poetas, pintores, historiadores, grandes homens, tudo passava confusamente diante de mim; eu só parava nos momentos em que algo me interessava mais naquele dia.

Em torno das onze horas, voltava à minha pequena alcova na casa do pintor para almoçar. Comia um pedaço de pão e de queijo, lendo sobre minha mesa de trabalho. Bebia um copo de leite; depois trabalhava, anotava, escrevia até a hora do jantar, que a mulher e a filha de meu anfitrião preparavam para nós. Depois da refeição, saía novamente para outras caminhadas e só voltava com a noite fechada. Algumas horas

de conversa com a família do pintor e leituras prolongadas por longo tempo noite adentro terminavam esses prazerosos dias. Eu não sentia nenhuma necessidade de convívio. Sentia prazer em meu isolamento. Roma e minha alma me eram suficientes. Passei assim um longo inverno, desde o mês de outubro até o abril seguinte, sem um dia de preguiça ou tédio. Foi sob a lembrança dessas impressões que dez anos depois escrevi os versos sobre Tibur.

VI

Agora, quando procuro bem em meus pensamentos todas as impressões de Roma, encontro apenas duas que apagam, ou que ao menos dominam as outras: o Coliseu, obra do povo romano; São Pedro, obra-prima do catolicismo. O Coliseu é a marca gigantesca de um povo sobre-humano que construía, por seu orgulho e prazer ferozes, monumentos capazes de conter toda uma nação. Monumento que rivaliza pelo tamanho e duração com as próprias obras da natureza. O Tibre terá secado em suas margens de lama e o Coliseu ainda existirá.

São Pedro é a obra de um pensamento, de uma religião, da humanidade toda em uma época do mundo. Não é mais um edifício destinado a abrigar um povo vil. É um templo destinado a conter toda a filosofia, todas as orações, toda a grandeza, todo o pensamento do homem. As paredes parecem se elevar e crescer, não mais segundo as proporções de um povo, mas segundo as proporções de Deus. Só Michelangelo compreendeu o catolicismo e lhe deu em São Pedro sua mais sublime e mais completa expressão. São Pedro é realmente a apoteose em pedras, a transfiguração monumental da religião de Cristo.

Os arquitetos das catedrais góticas eram bárbaros sublimes. Michelangelo apenas era um filósofo em sua con-

cepção. São Pedro é o cristianismo filosófico, de onde o arquitecto divino expulsa as trevas e onde faz entrar o espaço, a beleza, a simetria, a luz em vagas inesgotáveis. A beleza de São Pedro de Roma é ser um templo que parece destinado apenas a revestir a ideia de Deus de todo o seu esplendor.

O cristianismo pereceria e São Pedro continuaria ainda sendo o templo universal, eterno, racional de qualquer religião que sucedesse ao culto do Cristo, visto que essa religião foi digna da humanidade e de Deus! É o templo mais abstrato que o gênio humano, inspirado por uma ideia divina, jamais construiu aqui embaixo. Quando entramos nele, não sabemos se entramos em um templo antigo ou em um templo moderno, nenhum detalhe ofusca os olhos, nenhum símbolo distrai o pensamento; os homens de todos os cultos entram ali com o mesmo respeito. Sentimos que é um templo que só pode ser habitado pela ideia de Deus e que qualquer outra ideia não preencheria.

Mude-se o padre, retire-se a mesa do altar, leve-se embora as estátuas, nada mudou, é ainda a casa de Deus! ou antes, São Pedro é sozinho um grande símbolo desse cristianismo eterno que, possuindo em sua moral e em sua santidade o germe dos desenvolvimentos sucessivos do pensamento religioso de todos os séculos e de todos os homens, se abre à razão à medida que Deus a ilumina, comunica com Deus em sua luz, alarga-se e eleva-se às proporções do espírito humano, crescendo sem cessar e recolhendo todos os povos na unidade da adoração; faz de todas as formas divinas um só Deus, de todas as fés um só culto, e de todos os povos uma só humanidade.

Michelangelo é o Moisés do catolicismo monumental, como ele será um dia compreendido. Ele fez o arco imperecível dos tempos futuros, o Panteão da razão divinizada.

VII

Enfim, depois de ter-me saciado com Roma, quis ver Nápoles. Eram o túmulo de Virgílio e o berço de Tasso que sobretudo me atraíam. Os lugares foram sempre homens para mim. Nápoles é Virgílio e Tasso. Para mim parecia que tinham vivido ontem, e que suas cinzas ainda estavam mornas. Já enxergava o Posillipo e Sorrento, o Vesúvio e o mar através da atmosfera de seus belos e sensíveis gênios.

Parti para Nápoles nos últimos dias de março. Viajava em cabriolé com um negociante francês que tinha procurado um companheiro de estrada para aliviar os custos da viagem. A alguma distância de Velletri encontramos o carro do correio de Roma a Nápoles tombado à beira do caminho e crivado de balas. O estafeta, o cocheiro e dois cavalos foram mortos. Acabavam de levar os mortos para um casebre vizinho. As encomendas rasgadas e os pedaços de cartas voavam ao vento. Os bandidos tinham tomado a estrada para Abruzzo. Destacamentos da cavalaria e da infantaria francesas, cujas companhias estavam acampadas em Terracina, os perseguiam entre os rochedos. Escutávamos os disparos dos atiradores e víamos sobre todo o flanco da montanha fumacinhas dos tiros de fuzil. De trechos em trechos encontrávamos postos de tropas francesas e napolitanas distribuídos pela estrada. Assim é que se entrava então no reino de Nápoles.

Esse assalto tinha um carácter político. Murat reinava. Os calabreses resistiam ainda; o rei Ferdinando, exilado na Sicília, sustentava com subsídios próprios os chefes das guerrilhas nas montanhas. O famoso Fra Diavolo liderava o combate desses bandos. Suas ações eram assassinos. Só encontramos ordem e segurança nos arredores de Nápoles.

Cheguei lá no dia 1º de abril. Juntou-se a mim, alguns dias mais tarde, um jovem de minha idade a quem era ligado no colégio por uma amizade realmente fraternal. Ele se chamava Aymon de Virieu. Sua vida e a minha foram de tal modo unidas, desde a infância até sua morte, que nossas duas existências eram como parte uma da outra, e eu falei dele em quase todos os lugares onde estive a falar de mim...

[EPISÓDIO]

I

Levava em Nápoles mais ou menos a mesma vida contemplativa que em Roma na casa do velho pintor da Piazza di Spagna; apenas, em vez de passar meus dias a errar entre as ruínas da Antiguidade, eu os passava a errar nas bordas ou nas ondas do golfo de Nápoles. Voltava à noite ao velho convento onde, graças à hospitalidade do parente de minha mãe, ocupava uma pequena alcova sob o telhado, cuja sacada, enfeitada com vasos de flores e plantas trepadeiras, se abria para o mar e para o Vesúvio, para Castellammare e Sorrento.

Quando o horizonte da manhã estava límpido, via brilhar a casa branca de Tasso, suspensa como um ninho de cegonha no cume de uma falésia de rocha amarela, cortada a prumo pelas ondas. Essa vista me revigorava. A luz dessa casa brilhava até o fundo de minha alma. Era como um clarão de glória que cintilava de longe sobre minha juventude e em minha obscuridade. Eu me lembrava da cena homérica da vida desse grande homem quando, saído da prisão, perseguido pela inveja dos pequenos e pela calúnia dos grandes, vilipendiado até seu gênio, sua única riqueza, voltava a Sorrento buscar um pouco de repouso, ternura ou piedade e, disfarçado de mendigo, se apresentava a sua irmã para provocar